A LITERATURA INFANTIL NA PRIMEIRA INFÂNCIA

JULIANA TERSI ALMEIDA

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre a contribuição da leitura e no ato de contar histórias. A literatura tem como principal objetivo nos instruir e nos passar conhecimento, ela pode ser definida como a arte de criar ou até mesmo recriar história. Considerando a leitura um elemento fundamental no processo de aprendizagem, organização e construção do conhecimento. Outro objetivo será investigar os benefícios que a literatura proporciona a criança e seu imaginário. Além da leitura vamos discutir a relevância do trabalho de contação de histórias, acredita-se que a contação de histórias colabora para a aprendizagem das crianças, mas ainda hoje o ato de contar histórias é tido como uma forma de distrair e acalmar as crianças sem a preocupação com seu real benefício na aprendizagem. Neste sentido apresenta-se a importância da prática de contar histórias no desenvolvimento do ensino aprendizagem. Neste trabalho vamos abordar também os benéficos que os contos de fadas proporcionam a criança e seu imaginário.
Palavra- chave: Leitura, Educação Infantil, Benefícios, Histórias, Desenvolvimentos

INTRODUÇÃO

A leitura visa nos instruir e passar conhecimento. O hábito de leitura para crianças é frequente no âmbito escolar pelo menos deveria ser , isso porque a leitura nos remete ao mundo fantástico no qual pode transformar o ambiente em um mundo inimaginável. Através da literatura podemos fazer com que criança desenvolva o hábito da leitura é preciso também que um adulto, que já vive em um mundo letrado, incentive e desperte na criança o hábito da leitura. Ao ler ou ouvir um conto de fadas a criança confia naquilo que o conto diz, porque muito do que ela escuta está de acordo com sua realidade. Sendo assim a literatura infantil teria ainda, a função de satisfazer a necessidade da criança, uma vez que ao escutar determinadas histórias, estas encontram as soluções para seus conflitos internos.

No espaço escolar a palavra leitura não é ouvida com muito prazer, alunos e professores á veem como uma enorme dificuldade, ficar atento a leitura por muitos não é motivo de muita satisfação. Na escola é de costume abordar a leitura como recurso pedagógico, visando por exemplo, o aprender a ler, a leitura em voz alta e as interpretações de texto superficiais.

Além da importância da leitura o ato de contar histórias no espaço da educação é essencial para o futuro do leitor. Acredita-se que esta seja uma atividade necessária e imprescindível no processo de desenvolvimento da criança, pois a contação de histórias auxilia na formação humana e, por isso, deve ser valorizada e desenvolvida no meio escolar a fim de potencializar a imaginação, a linguagem, a atenção, a memória, o gosto pela leitura e outras habilidades humanas, além de contribuir no processo de aprendizagem e socialização da criança. Podemos dizer que a contação de histórias é uma forma de humanizar as relações e formar laços, ações que se percebe, por exemplo ao ver a presença das narrações em toda a história, caracterizando a busca de conhecimento. Podemos dizer que a contação de histórias é uma forma de humanizar as relações e formar laços, ações que se percebe, por exemplo ao ver a presença das narrações em toda a história, caracterizando a busca de conhecimento.

A LITERATURA INFANTIL NA PRIMEIRA INFÂNCIA

A literatura infantil surgiu somente no século XVII, com a descoberta da prensa. Os contos populares existem desde que o ser humano adquiriu a fala. Há histórias antigas da África, Índia, China, Japão e Oriente Médio – como a coleção de contos árabes “As mil e uma noites”. “A fantasia é um mecanismo inventado pelo homem na era medieval para superar as dificuldades da vida real”. As histórias tratam de temas que fazem parte

da tradição de muitos povos e as soluções são universais, como por exemplo, O Pequeno Polegar. O personagem representa o desejo de vingança do mais fraco contra o mais forte. As crianças identificam com os heróis e experimentam emoções. Uma obra é clássica quando desperta emoções humanas. A separação é temida na infância e em muitos contos, este tema é absorvido em seu início. A agressividade e o descontentamento com irmãos, mães e pais são vivenciados na fantasia dos contos: o medo da rejeição é trabalhado em João e Maria, a rivalidade entre irmãos em Cinderela e a separação entre as crianças e os pais em Rapunzel e O Patinho Feio.

As histórias do passado apontavam padrões sociais da época, por exemplo, quando falam sobre garotas desobedientes, como Chapeuzinho Vermelho, mostram que camponesas não deviam andam sozinhas. Antigamente, nas escolas, as histórias usadas nos livros eram produzidas especialmente para serem passados valores da sociedade. Foram passados adiante através dos livros infantis, mas a autêntica literatura infantil não deve ter basicamente esta intenção pedagógica ou didática. O imaginário e a fantasia são cruciais para o desenvolvimento integral da criança. Percebe-se que a maneira de escolher os livros está atualmente atrelada ao seu design, ao invés do conteúdo em si. Os pais têm um papel fundamental na formação do filho leitor, pois se contam ou leem histórias, o filho adquire este hábito com mais facilidade. A escola, os professores exercem também um papel primordial na formação do leitor, pois cabe a eles oportunizar o contato da criança com o livro já que no cotidiano do brasileiro essa atitude não é muito utilizada. Contar histórias antes de dormir é um costume que vem se perdendo. O grande vilão dessa história é a televisão, que vem substituindo a leitura e até mesmo os pais. Contar, ler e ouvir histórias é o grande laço de cumplicidade e aproximação entre pais e filhos e a formação da criança leitora.

O interesse de diferentes áreas pela Literatura Infantil e Juvenil pode trazer resultados negativos quanto ao empenho em estimular a criança e jovens o gosto pela leitura, pois podem transformar a compreensão literária do texto em mera denúncia de caráter sociológico, considerado prematuro para ser estimulado no espírito infantil. A Literatura Infantil perde suas características de literariedade quando é abordada somente como meio de transmitir valores.

Quanto ao valor literário, se livros são bons ou maus, os comentários críticos mais frequentes divulgados pela mídia utilizam uma linguagem emotiva, condenam ou louvam a obra, tornando-se mais uma linguagem sensacionalista e manipuladora que crítica, que orienta os leitores. É necessário respeitar os escritores e depois da obra analisada, a crítica deve ser construtiva e os críticos que ocupam o poder de ajuizar acerca do valor e desvalorização da obra, possam assumir o papel adequado de questionador. Quando se fala em literatura de entretenimento muita gente ligada ao mundo dos livros, automaticamente, se manifesta contra, antes mesmo de saber, ao certo, do que trata o assunto. Para essas pessoas, o simples fato de uma discussão a esse respeito estar sendo levantada constitui um contrassenso e, em alguns casos, um verdadeiro atentado ao orgulho e à cultura nacionais. A seu juízo, o livro como mero entretenimento não possui nenhum valor. É subliteratura, não leva o leitor a crescer internamente e o aliena das grandes questões humanas, sociais e filosóficas; sua publicação, acreditam, deve-se, unicamente, ao desejo do autor e do editor de ganhar alguns cobres às custas de leitores ingênuos e despreparados intelectualmente, pessoas sem gosto estético, incapazes de dar valor à “verdadeira Literatura” e que não foram devidamente apresentadas ao que de melhor os grandes escritores produziram no decorrer da História. Essa mentalidade limitada e um tanto esnobe ajudou, e muito, a gerar a grande aberração que é a situação precária da leitura no Brasil contemporâneo. Pois, se por um lado, temos intelectuais encastelados em suas inexpugnáveis torres douradas de pretensa sabedoria dialogando entre si, para diminutas plateias de iguais ou para o espelho, por outro temos um imenso contingente de pessoas carentes de leitura e conhecimento, que nunca foram devidamente introduzidas no universo lúdico dos livros e permanecem distantes deles, muitas vezes por se sentirem incapazes de praticar a leitura com todo esse cerimonial

amplamente apregoado pelos formadores de opinião. Todos sabemos que ler é bom, que ler é importante, que ler abre positivamente a nossa cabeça, permitindo a entrada do conhecimento e o aprimoramento da nossa visão do mundo. De tanto essas máximas haverem sido repetidas, já se tornaram uma espécie de mantra, que todos repetem automaticamente. Acontece que não adianta dizer a uma pessoa pouco ou nada afeita à leitura que ler é importante, se na prática a sua relação com os livros for de repulsa. A única maneira desta pessoa se tornar uma leitora contumaz é sentir na prática que ler é, acima de tudo, um grande prazer, uma grande diversão, o meio mais interessante de entretenimento cultural jamais inventado pelo ser-humano. Só assim ela adquirirá o hábito da leitura.

Arena (2010, p. 28. Grifos do autor) corrobora as afirmações de Vigotski (2009) ao afirmar:

Mais do que uma "educação social através de uma proposta de valores", aos leitores pequenos é oferecida a oportunidade de inserir no mundo diversificado e plural da cultura humana, mais do que favorecer "uma interpretação ordenada do mundo", à criança são propostas as múltiplas interpretações da construção social e do legado que a literatura infantil registra; mais do que "uma forma cultural codificada", o leitor pequeno envereda pela aprendizagem de um milenar instrumento cultural; mais do que se apropriar de uma visão "estética do mundo e de um uso especial de linguagem", a criança se apropria, pelos instrumentos simbólicos, entre eles a linguagem literária, dos modos de criação artística, pilares indestrutíveis da evolução intelectual e moral do homem.

Participando da vida comunitária, dos costumes sociais, hábitos, linguagem, jogos, brincadeiras e festas, aparentemente não havia, no período medieval, assuntos que a criança não pudesse conhecer. Os temas da vida adulta, as alegrias, a luta pela sobrevivência, as preocupações, a sexualidade, a morte, a transgressão das regras sociais, o imaginário, as crenças, as comemorações, as indignações e perplexidades eram vivenciadas por toda comunidade, independentemente de faixas etárias. Na verdade, a criança de mais de sete anos ocupava, ao que parece, o papel de um pequeno adulto, inexperiente e frágil, incapaz de certas coisas talvez, mas já uma pessoa na vida, importante como força na família e na sociedade. Vale lembrar que o espírito popular medieval, coletivo por princípio, ligado a festas e atos públicos era, ao mesmo tempo, marcado pelo fatalismo, pela crença no fantástico, em poderes sobre-humanos, em pactos com o diabo e em personificações de todo tipo. Nesse mundo, onde a crença em fadas, gigantes, anões, bruxas, castelos encantados, elixires, tesouros, fontes da juventude, quebrantos e países utópicos e mágicos era disseminada, crianças e adultos sentavam-se lado a lado nas praças públicas, durante as festas, ou à noite, após o trabalho, para escutar os contadores de histórias. Neste sentido, falar em "contos maravilhosos" ou "de encantamento" quando nos referimos às narrativas populares medievais pode ser considerado um equívoco. Não havia neste contexto, principalmente levando-se em conta as concepções populares, uma separação nítida entre o "real" e o "fantástico". Mesmo hoje, pensando bem, essa separação é assunto complexo e discutível. Não é possível negar que falar em contos de fadas hoje, tem significado para todos nós, quase que automaticamente, falar em crianças. Sem colocar em discussão suas diversas denominações, contos de encantamento, contos maravilhosos, fábulas ou simplesmente contos populares, como queria André Jolles. importa lembrar sua notável influência em inúmeras obras da literatura infantil. Não poucos autores de livros para crianças e outros, utilizaram e continuam utilizando, como referência, vários aspectos temáticos e formais dos contos populares para desenvolver seu próprio trabalho. Vale lembrar, entre muitas outras, obras como Pinóquio, Aventuras de Xisto, História meio ao contrário, uma ideia toda azul, os pregadores do Rei João, A Fada- Sempre-Viva e a Galinha-fada e Tampinha, todas com evidentes vestígios das narrativas populares. Se é verdade que o universo dos contos populares pode, de alguma forma, ser vinculado a um certo "universo infantil" (visto com as devidas ressalvas; discutiremos o assunto logo abaixo), a literatura para crianças possivelmente teria

outras raízes, desvinculadas da fundação da escola burguesa, e, assim, novas indagações vêm à baila. O dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875) era um garoto pobre, feio e que queria ser ator. Divertia-se quando seu pai encenava histórias em um teatrinho feito de papelão, mas o seu pai morreu e ele teria que sustentar a família. O garoto partiu para longe, passou fome e frio e só algum tempo depois conheceu um homem que pagou seus estudos. O menino não se tornou ator, mas ficou rico e famoso, escrevendo histórias infantis, transformando-se num dos maiores contadores de histórias do mundo, criando personagens maravilhosos, como "Patinho Feio". Dizem que essa história é, um pouco, a história do próprio Hans, que saiu de uma infância cheia de dificuldades e se tornou um escritor amado e reconhecido por todos. Hans Christian Andersen é autor de cerca de 160 contos e seis romances, além de poesias e de uma autobiografia. Sua obra foi traduzida para mais de 100 línguas. Os escritores que o antecederam, Charles Perreault (1628- 1703) e os irmãos alemães Jacob (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), apenas registraram no papel as histórias já contadas como "Chapeuzinho Vermelho". Andersen é, portanto, o primeiro escritor infantil. Os irmãos Grimm nasceram na Alemanha, na pequena cidade de Hanau, em 1785 e 1786. Durante suas vidas, estudaram, moraram e trabalharam em várias cidades, como Steinau, Kassel e Góltingen. Visitaram também muitas outras cidades e vilas da mesma região. Logo perceberam que em muitas localidades se contavam histórias fantásticas sobre príncipes, fadas, bruxas, anões e animais que falavam. Começaram então a reunir essas histórias que corriam de boca em boca e a registrá-las em forma de contos.

Assim, crianças de todo o mundo podem ler e conhecer tantas histórias maravilhosas como "João e Maria", "Os músicos de Bremem", "A Bela Adormecida", "Chapeuzinho Vermelho", "O gato de botas", "Cinderela", "O Alfaiate Valente", "Branca de Neve" e muitas outras. No conto maravilhoso, o leitor é transportado para um mundo onde tudo é possível: tapetes voam e galinhas põem ovos de ouro. Essa é a magia da fantasia". Dessa forma, os contos de fadas podem ser decisivos para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo a sua volta. Ao conviver com as personagens boas e más, belas e feias, poderosas ou fracas, facilita a criança à compreensão de certos valores básicos de conduta humana e conivência social. A criança deve ouvir, contar e ler histórias adequadas a sua idade, para que fantasiem e sonhem com as aventuras de seu imaginário. Ler e contar histórias é por si só, uma arte, é meio de comunicação.

Os discursos sobre a falta de leitura do brasileiro ressoam no meio social e pedagógico e envolvem um complexo jogo de forças. De modo mais específico, os sentidos verificados como constituintes do imaginário sobre a leitura no Brasil em circulação têm em comum um traço de significação: em quase todos se inscrevem o sentido de que "o brasileiro não lê". Porém nem todos os sentidos da falta de leitura são iguais, portanto, demandam identificação. De outra parte, a propagação do hábito de leitura mantendo seu pensamento original têm tido efeitos ideológicos, considerando as condições de produção em que foi registrado seu uso, em variados espaços discursivos. A partir do período de redemocratização no país, por volta dos anos 80, registra-se o gosto pela leitura associada ao prazer. Essa inscrição do prazer não está somente ligada a leitura, mas á escola. É procedente de reflexões sobre o ensino em geral, Brasil já se detecta em crise na educação e o fracasso em alfabetizar. Podemos ter várias atitudes perante a leitura. Ela é uma atividade profundamente individual e duas pessoas dificilmente fazem uma mesma leitura de um texto. Pode se dizer que a maneira como a leitura será interpretada dependerá do ponto de vista, do momento e do conhecimento de cada pessoa. Ao contrário da escrita que é uma atividade de exteriorizar o pensamento, a leitura é uma atividade de assimilação de conhecimento, de interiorização, de reflexão. No momento que uma pessoa se entrega à leitura ela tem oportunidade de viajar em seus pensamentos. Há um dito popular que diz que a leitura é o alimento da alma. Nada mais verdadeiro. As pessoas que não leem são pessoas vazias ou subnutridas de conhecimento. É claro que a experiência de vida não se reduz à leitura. A vida como tal é a grande mestra. Algumas

pessoas analfabetas conseguem, às vezes, se sair bem economicamente, mas nem por isso deixam de ser pessoas vazias. Tem a riqueza externa, sabem se virar na sociedade, mas não possuem o conhecimento que os livros oferecem aos seus leitores; só a experiência da vida, por mais rica que possa ser, não é suficiente para fornecer uma cultura sólida e geral. De qualquer modo podemos afirmar que a leitura traz benefícios para o ser humano, no sentido individual, aos poucos a pessoa vai se modificando à medida que se enriquece culturalmente através da leitura, mas essa mudança nem sempre é possível de uma maneira geral, ou seja, com as pessoas que estão ao redor do leitor; é necessário que o desejo de mudança também esteja presente nessas pessoas. Sem dúvida, o prazer da leitura é pessoal, não social. Não se consegue melhorar-diretamente- as condições de vida de alguém apenas tornando-os um leitor competente. Hoje o ser humano se depara com uma gama de informações que chega todo momento; esse avanço, ao mesmo tempo em que traz benefícios para a sociedade atual, também tira do ser humano o prazer da leitura, que nada mais é do que uma maravilhosa aventura. A criança que é tão mergulhada nessa gama de informações e transformações, também sofre e recebe essas modificações através dos meios de comunicação. Se as prateleiras das livrarias estão lotadas de livros e as bancas de jornal repletas de jornais, livros, revistas e gibis; o computador e as emissoras de TV também estão impregnados de informações, com uma velocidade assustadora e ao mesmo tempo admirável pelos adultos e principalmente pelas crianças. Por que os livros infantis continuam nas prateleiras e já não são comprados por adultos para presentear as crianças? As publicações já não têm o valor ético e muito menos estético, mas também não é a principal preocupação de quem as escreve e as publicam. Na verdade, a maior intenção está voltada para o consumismo; e a criança tem se mostrado um dos maiores consumidores dessas parafernálias eletrônicas. O incentivo à literatura na infância deve ser uma tarefa da escola e da família, mas podemos nos perguntar como é o seu desenvolvimento? Contribuem para a formação do leitor? A escola anda cumprindo o seu papel? Muitos projetos de leitura estão sendo desenvolvidos em várias escolas, o que nos dá a sensação de que nem tudo está perdido. Acredito que a criança que gosta de ler está na casa, onde se preza a cultura; a escola onde se valoriza o professor, onde o aprendizado da leitura é maravilhoso e onde, consequentemente se tem livros. Na casa onde os pais leem, onde as crianças tem acesso ao livro, é mais fácil que gostem de ler. É preciso que os pais comecem cedo a falar com seus filhos, conversar, ouvir respostas, porque é assim que se aprende a raciocinar. Se lerem para as crianças desde cedo, elas aprendem a língua rapidamente. A criança aprende ouvindo histórias. Todos nós temos uma história, e as histórias de nossas vidas dariam um livro se tentássemos escrevê-las; o difícil é compreender tudo isso, e temos a tendência de achar que nada em nossas vidas é significativo o bastante para tentar. Com a criança não é diferente, alguma delas ouvem histórias desde o ventre materno, quando suas mães falam para elas ou com elas, fazer histórias, ouvir histórias ou escrevê-las humaniza a criança e nos humaniza também. Vai nos tornando cidadãos modificadores ou autores da cultura e mergulhados nesta cultura, surgem transformações cada dia mais rápido numa velocidade imensurável. A educação das crianças que acontecia diretamente ligada à vida nas reuniões de trabalho e lazer foi substituída pela aprendizagem escolar. A formação instrumentalizada para o mundo do trabalho exigia uma maior especialização de conhecimentos a serem adquiridos. Começa, então, um longo processo de enclausuramento de crianças, mas também dos adultos que se estende até os dias de hoje.

O imaginário da criança pode ser comparado a um rio, quando jogamos uma pedra no rio, ondas circulares se formam ao redor e vão se movimentando e atingindo correntes de águas cada vez mais longe. A pedra ao mergulhar vai assustando peixes, atraindo curiosos, e mudando a rotina do local, mesmo que por pouco tempo. Uma criança ao ouvir contos de fadas, transforma a pedra em cada uma das palavras que lhe são contadas, trazendo lembranças, sonhos, desejos, personagens, dúvidas, medos e asso-

ciações.

Ouvir história é recuperar a herança empírica do homem, seus medos, descobertas e desejos. As crianças sabem muito bem o que é essa herança empírica no turbilhão de sentimentos que vivenciam, é onde entra a figura do professor/contador de histórias como mediador deste processo de aprendizagem de lidar com as emoções (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p. 242).

O mundo literário faz com que aos poucos a magia, o fantástico, o imaginário deixem de ser vistos como pura fantasia para fazer parte da vida diária de cada um, inclusive dos adultos que já se permitem em muitos momentos se transportar para este mundo mágico, onde a vida se torna mais leve e bem menos operativa. As situações reproduzidas no conto maravilhoso acontecem num espaço redigido por leis totalmente diferentes daquelas que dominam nosso mundo cotidiano, embora haja uma preferência muito grande pelos bosques e florestas. Quer dizer, neste espaço, onde dominam as leis do sobrenatural e do imaginário, não existem distâncias e os personagens podem deslocar-se com grande facilidade da terra para o céu e deste para o mar. Com isso, o conto maravilhoso pode até introduzir a situação inicial com a famosa frase "Era uma vez, num reino muito distante..."; contudo, num mundo imaginário e sobrenatural, o que menos importa é a localização temporal. O tempo é apenas uma paisagem da situação vivida pelos personagens. Num espaço e num tempo assim constituídos, não se poderia esperar que habitassem seres como a gente. Pelo contrário, este é o mundo habitado pelos seres maravilhosos: fadas, magos, bruxas, anões, gigantes, gênios, gnomos, ogros, dragões, duendes e outros seres criados pela natureza. Todos eles convivem com grande naturalidade e nada que lhes ocorre é considerado estranho. Também não conhecem o processo do crescimento biológico. São crianças e adultos, mas não sofrem a ação do tempo, já que este não existe. A velhice ou a juventude faz parte do caráter do personagem. Todo conto popular revela uma tendência muito grande para o encantamento: aquelas situações em que ocorrem transformações provocadas por algum tipo de magia, que não são explicadas de modo natural.

Quando se fala de literatura, fala-se de uma relação bastante estreita entre leitor e leitura. O leitor, no momento da leitura, ativa sua memória, relaciona fatos e experiências e entra em conflito com seus valores. Nesse aspecto a Literatura Infantil torna-se uma grande aliada da escola em suas várias possibilidades: divertindo, estimulando a imaginação, desenvolvendo o raciocínio e compreendendo o mundo (BARROS, 2013, p. 21

Há aquele tipo de história em que o encantamento ocorre em qualquer circunstância, pois o elemento mágico está presente em toda parte. Mas há também, um tipo de conto maravilhoso em que as transformações são privilégios de alguns seres encantados, dotados de poderes sobrenaturais. As narrativas mais significativas deste modelo são as histórias dos contos de fadas. São as histórias que, como o próprio nome diz, se concentram nos poderes mágicos das fadas, dos magos ou de algum outro ser dotado de poderes sobrenaturais. Há aquele tipo de história em que o encantamento ocorre em qualquer circunstância, pois o elemento mágico está presente em toda parte. Mas há também, um tipo de conto maravilhoso em que as transformações são privilégios de alguns seres encantados, dotados de poderes sobrenaturais. As narrativas mais significativas deste modelo são as histórias dos contos de fadas. São as histórias que, como o próprio nome diz, se concentram nos poderes mágicos das fadas, dos magos ou de algum outro ser dotado de poderes sobrenaturais. Ainda que não se possa localizar no tempo a origem desses seres, a nossa tradição cultural se encarregou de definir as fadas como seres simbólicos, dotados de virtudes positivas e poderes sobrenaturais, concentrados em suas varinhas mágicas. Por isso, elas sempre aparecem nos momentos de grandes conflitos, quando as pessoas pensam que seu destino está tomado por uma fatalidade da qual é impossível fu-

gir. Assim sendo, o conto de fadas torna-se uma manifestação valiosa na representação dos sonhos e dos desejos humanos, os mais profundos e significativos. O importante é que o maravilhoso acontece no mundo da magia, do sonho e da fantasia, onde tudo escapa às limitações da vida humana e onde tudo se resolve por meios sobrenaturais. É muito fácil perceber as emoções sentidas pelas crianças através de um olhar, de um sorriso, de um olhar de medo e até mesmo pela torcida de que, no final da história, o bem vença e os problemas se acabem e que sejam felizes. É incrível o quanto a imaginação da criança é livre; ao ouvirmos uma história ou ao lermos um livro, podemos viajar pelo mundo todo, por lugares nunca vistos, imaginando seres e situações nunca vividas antes. Por meio da imaginação podemos resolver nossos problemas, viver nosso presente, planejar nosso futuro e aprimorar nosso passado. Podemos imaginar como é mágica a imaginação das crianças; para elas tudo parece tão real, mesmo no mundo imaginário. Quantas crianças possuem um amigo imaginário, com o qual brincam, conversam, cantam e até mesmo contam histórias imaginadas por elas mesmas. E este se torna um ser "real", vem a ser uma realidade que vive somente no imaginário da criança. Um conto narrado bem ativo e intensifica toda uma série de experiências na criança, pois através da fala, dos gestos, da entonação da voz, o narrador atribui sentido ao que está sendo narrado. Comparo a imaginação infantil ao planejamento por meio de sonhos que alguns adultos se permitem passar; a diferença é que, em alguns casos, os sonhos podem se tornar realidade, e isto é o que faz com que a vontade de sonhar continue viva.

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... È ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo) (ABRAMOVICH, 2003, p.17).

Parte importante na vida da criança desde a mais tenra idade, a literatura constitui alimento preciosos para sua alma. É conhecendo a criança e o mistério delicioso do seu mundo que podemos avaliar todo o valor da literatura em sua formação. A criança tem um mundo próprio, todo seu, povoado de sonhos e fantasias. Nas suas formas orais e literárias, os contos permitem que crianças e adultos concebam estratégias para se posicionarem e compreenderem o mundo que os rodeia. Aprendidos na infância, fornecem significados, e estruturam e dão forma às figuras e aos conflitos com que o homem se confronta no seu dia a dia. Segundo Piaget, desde o início, o bebê se envolve em um processo de adaptação, tentando compreender o mundo ao seu redor. Ele assimila as informações que chegam ao conjunto limitado de esquemas com os quais nasce – olhar, ouvir, sugar, segurar – e acomoda tais esquemas com base em suas

experiências. Esse é o ponto de partida de todo o processo de desenvolvimento cognitivo, conforme Piaget, que se processa concomitantemente com o desenvolvimento afetivo.

Ouvir essas histórias assegura à criança que ela, também, será capaz de superar as dificuldades, os sentimentos profundos e contraditórios, despertados por seu delicado e complexo conflito emocional, e virá a encontrar a felicidade. Por isso, cabe a ela mesma vivenciar o conto e tirar dele a mensagem que lhe é útil, e não ao adulto. Quando o adulto se apressa em fazê-lo, ele não apenas acaba com a magia do conto, mas também priva a criança da satisfação em conseguir chegar à mensagem positiva que o conto carrega consigo. É a mensagem embutida no simbolismo do conto que, define o que a criança busca dominar quando pede ao adulto que reconte uma mesma história infinitas vezes, sabendo que, ao ouvi-la, está de certo modo ouvindo a sua própria história e, dessa forma, se torna mais capaz de superar seus próprios conflitos. Este é o poder mágico dos contos de fadas – o poder de fazer-nos conhecer e compreender melhor a nós mesmos. E esta é a razão de sua per-

manência entre nós, através dos séculos; é, também, a razão do fascínio que o simples ato de sentar-se junto a um adulto para ouvir uma história ainda consegue despertar, mesmo frente a um mundo cheio de brinquedos de maravilhas tecnológicas

CONCLUSÃO

A literatura infantil na primeira infância não deve ser vista apenas como um recurso pedagógico, mas como um direito cultural e formativo. Ao oferecer livros, histórias e narrativas, possibilita-se à criança construir sentidos, ampliar a linguagem e experimentar novas formas de compreender a vida. Portanto, cabe à escola, à família e à sociedade garantir o acesso à literatura desde cedo, favorecendo a formação de leitores críticos, sensíveis e criativos.
A literatura na primeira infância é de grande importância para a continuidade de nossa cultura, para a formação de indivíduos mais fortalecidos e otimistas e para uma prática pedagógica mais próxima dos anseios e da linguagem dos educandos. Os livros são enriquecedores e satisfatórios, eles ensinam sobre os problemas interiores dos seres humanos e apresentam soluções em qualquer sociedade. A fantasia ajuda a formar a personalidade e

por isso não pode faltar na educação. É impressionante como podemos aprender, criar, sonhar, imaginar por meio de nossas leituras e recordações.
O desenvolvimento infantil se dá num processo criado pela própria criança a partir das interações que vivencia, sendo assim, a literatura infantil em especial a contação de histórias na educação, como atividade interativa e pedagógica mediada pelo educador contribui para este desenvolvimento. Além disso, a história permite o contato das crianças com o uso real da escrita, leva-as a conhecerem novas palavras, a discutirem valores como o amor, família e trabalho, e a usarem a imaginação, desenvolvem a oralidade, a criatividade e o pensamento crítico, auxiliam na construção da identidade do educando, seja esta pessoal ou cultural, melhoram seus relacionamentos afetivos interpessoais e abrem espaço para novas aprendizagens nas diversas disciplinas escolares, pelo seu caráter motivador sobre a criança. Por isso é indispensável que o educador tenha conhecimento dos benefícios dessa pratica sobre o desenvolvimento infantil, e saiba utilizá-lo adequadamente em sala de aula no ensino e aprendizagem dos seus educandos, ou na pedagogia hospitalar, como potencializadora dos conteúdos trabalhados e ferramenta interdisciplinar, e não apenas por isso, mas também como uma fonte de prazer, conhecimento e emoção, onde o lúdico se torna um eixo condutor no estímulo à leitura e à formação de uma geração leitora e escritora de alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: Gostosuras e bobices. São Paulo: Scipicione, 1997. (Pensamento e Ação no Magistério)

BARROS, P. R. P. D. B. A contribuição da literatura infantil no processo de aquisição de leitura. 2013. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, São Paulo, 2013. Disponível em: . Acesso em: 15 ago. 2025.
CAGLIARI, L. C. Alfabetização e linguística. São Paulo: Scipione, 2009.

COELHO, N. N. Literatura infantil: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

LAJOLO, M. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo: Ática, 2002.

SOUZA, L. O. de; BERNARDINO, A. D. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. Educere et Educare, v. 6, n. 12, p. 235-249, jul./dez. 2011. Disponível em: . Acesso em: 20 Ago. 2025.

VIGOTSKI, L. S. Psicologia Pedagógica. Tradução Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003. . O desenvolvimento psicológico na in-

fância. Tradução Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 2003.